E 3 G

ANO II NUM. 10

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

MARÇO — 1941

EDUCANDO

Sob os auspícios da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS DE M. GERAIS

ANO II | MARÇO | NUM. 10

EXPEDIENTE

Direção e Redação
Marieta Leite

Gerência:
Leonilda Montandon
Zembla Pinheiro Chagas

Colaboradores diversos

Revista de orientação técnico-pedagógica

Assinatura - - - - - - 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação - - - - 18$000
Número avulso - - - 2$500

Redação:
Rua Rio de Janeiro, 1278
Tel. 2-7993 - Belo Horizonte

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22.11.78
BIBLIOTECA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - - - - - - - - - - - pag. 13
QUADRO RURAL — Dulce Botelho Junqueira - - - - - - - - - - - - - - " 34
QUESTÕES DE PORTUGUÊS — J. Lourenço de Oliveira - - - - - - - " 35
DESENVOLVIMENTO SOCIAL X DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL — Ziene Riders - - - - - " 39
COMO INICIAR PROVEITOSAMENTE O ENSINO DA ARITMÉTICA — Filocelina da Costa Matos Almeida - - - - - - - - - " 41
OS ALUNOS "BONZINHOS" E OS INCORRIGÍVEIS — Raul de Almeida Costa - - - - - - - - - - - - " 43
BIBLIOGRAFIA — Alaíde Lisbôa de Oliveira - - - - - - - - - - - - - " 45
VALOR DA ENCADERNAÇÃO NA ESCOLA PRIMÁRIA — Noemi Queiroz Teixeira - - - - - - - - - - " 49
TARDE ROCEIRA — *Poesia* — R. Fleuri - - - - - - - - - - - - - - - " 51
MESTRE! — Cônego Macário de Almeida - - - - - - - - - - - - - - - " 53
MANHÃ DE CHUVA — *Poesia* — Murilo Araujo - - - - - - - - - - - - " 53
O ENSINO DA GRAMÁTICA NAS CLASSES PRIMÁRIAS — L. S. Montandon - - - - - - - - - - - - - - " 54
TEMAS PARA COMPOSIÇÕES — M. L. - - - - - - - - - - - - - - - - " 57
GRANDE CONCURSO PERMANENTE DE "EDUCANDO" - - - - - - - " 58
JORNAIS ESCOLARES - - - - - - " 59
UMA HISTÓRIA PARA TODOS — Marieta Leite - - - - - - - - - - - - " 60
O CASTIGO DO SAPO — Mariléo - " 62
CONVERSAS NO BONDE — Mestra Carocha - - - - - - - - - - - - - " 64
O DESENHO A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO — Mme. Artus Perrelet - " 67
QUE E' INDISPENSÁVEL A' EFICIÊNCIA DA LEITURA? - *Transcrição* — Pennell e M. Cusack - " 69

Sôbre a criança

No dia 25 de Março

O MENINO, QUANDO ENTRA PARA A ESCOLA, E' COMO SE FÔRA A FLOR DO JARDIM: TEM BELEZA, ENCANTO E PERFUME, MAS EMURCHECE SEM DAR FRUTOS. TRANSFORMADO EM ALUNO, O MENINO JA' SE ASSEMELHA Á FLÔR DO POMAR QUE PRODUZ FRUTO SAUDÁVEL, SABOROSO E APRECIADO.

NESSE POMAR, QUE E' A ESCOLA, TAMBÉM O MENINO PODE SER COMPARADO AO PASSARINHO QUE SABE VER, CANTAR E ALIMENTAR-SE. O MENINO E' ATIVO, COMO O PASSARINHO E' ÁGIL; SE ÊSTE SABE VOAR PELOS ARES, AQUELE SABE CORRER PELOS CAMPOS. QUEM NOS DIRA' QUE O MENINO PERSEGUE O PASSARINHO POR QUERER E NÃO PODER VOAR COMO ÊLE?

NÃO SERIA DE INVEJA QUE O MENINO, FEITO HOMEM, INVENTOU O AEROPLANO?

A ESCOLA ENSINARA' O MENINO A OBSERVAR, FAZENDO QUE SEUS OLHOS VEJAM COMO OS OLHOS DO PASSARINHO; DO MESMO MODO QUE ÊSTE SABE CANTAR, ELA ENSINARA' AQUELE A CONVERSAR; COM AS ASAS O PÁSSARO VAI TRAÇANDO LINHAS QUANDO VÔA, TAMBÉM NA AULA VAI O MENINO FAZENDO LETRAS COM A MÃO, AO ESCREVER; AQUELE SE ALIMENTA COM OS FRUTOS DO POMAR E ÊSTE SE DESENVOLVE COM OS FRUTOS DA ESCOLA.

NO POMAR, E EM TODA PARTE, A ÁRVORE E' O NINHO DO PÁSSARO, ONDE ÊLE DESCANSA E DORME; A ESCOLA E' PARA O MENINO "UM NINHO DE AMOR COMO NOSSO LAR." DE GAIOLA, QUE SE PODIA CONSIDERAR EM OUTROS TEMPOS, ELA ASSIM SE TRANSFORMOU EM NINHO DE AMOR.

. . . . . .

MAS NÃO SE COMPARE O MENINO COM A FLÔR DO POMAR OU COM O PÁSSARO QUE PERCORRE OS ARES: A ESPERANÇA DA PÁTRIA, EIS O QUE ÊLE E' REALMENTE.

A ESCOLA E' SEMENTEIRA DA PÁTRIA: CUMPRE AO PROFESSOR FAZÊ-LA DESDOBRAR-SE EM FECUNDAS REALIZAÇÕES.

(DO PROGRAMA PRIMÁRIO DO ESTADO, EM 1927)

QUADRO RURAL

Dulce Botelho JUNQUEIRA

A escola de Pilões, logo atrás do morro, o Pão de Angú, é diferente das outras. Sua professora nomeada, a dona da cadeira, é uma moreninha insignificante, semi-analfabeta; mas o professor de fato, o que ensina, é um velho louco, que os roceiros acatam como sábio: um mulato de barbas, de olhar de vidente, de linda caligrafia e que escreve com grande fluência e certa elegância — o pai da professora, Siô Camilo.

Estive lá e achei tudo tão estranho! A própria sala de aulas é fora do comum: dividida em três recintos por grades baixas de madeira. Não compreendí por que era assim. Talvez atendendo a outras finalidades que já tivera, pois nossas escolas rurais só por exceção teem prédio proprio — estão sempre por favor em ranchos particulares, em velhas *casas de santo* ou em barracões semi-abandonados.

O velho recebeu-me a recitar versículos em voz cantada — palavras de boas vindas tomadas aos livros santos. E a professora tentou apresentar a escrita da escola e dar informações sôbre o andamento do ensino; mas não o conseguia. E o pai vinha em seu auxílio, a apontar o que devia ser mostrado, acompanhando sempre os gestos com palavras sagradas. Quando era forçado a explicações mais positivas, escrevi-as. Por escrito expressava-se como tôda gente, mas seus labios só se abriam para recitar a Bíblia.

Disseram-me que nunca se desviava dessa atitude: ninguem lhe ouvia jamais uma palavra profana. Para as informações correntes da vida usava sempre do lapis, do giz ou mesmo do carvão.

E, realmente, nunca ví tamanha febre de escrever: no quadro negro, nas carteiras, nas paredes, em margens de jornais, no papel que cobria a mesa, mesmo na capa e nas entrelinhas do livro de escrituração escolar e até em seu próprio lenço, o velho louco rabiscara profusamente.

Fiquei pensando (e minha idéia foi antes de humor que de ironia): tanta inovações no ensino... O aprender fazendo de Dewey, que cada dia mais se afirma... A pedagogia funcional de Claparède, que fundamenta o ensino na necessidade... Pois êste velho vidente que só fala por escrito, ao abolir a expressão verbal de sua escola, não estará creando o ambiente ideal para a aprendizagem da leitura? Quem quer falar, escreve... Se quiser ouvir, que leia... O campo é livre para o giz, o lapis e o carvão também.

E, talvez (quem sabe?) os meninos rudes de Pilões — que não teem livros nem jornais; cujos informes se fazem por recados, pois não teem correios ou telégrafos; que, interpretando a vida na propria natureza, não carecem de arquivos, documentos ou de História; para quem o próprio dom da palavra às vezes é supérfluo, vivendo mais de sentir que de pensar — êstes meninos rudes, talvez no mestre louco encontrem motivo e fim para o alfabeto: saber ler e escrever para privar com Siô Camilo, que em si resume a instrução e a cultura dessa zona grande que fica para lá do Pão de Angú.

QUESTÕES DE PORTUGUÊZ

J. Lourenço de OLIVEIRA

DA CONJUGAÇÃO PORTUGUESA

SUMÁRIO — *Quadro dos tempos primitivos e derivados. — Exemplo de conjugação segundo êle. O processo das derivações. As vantagens do método.*

Trataremos hoje da conjugação do verbo português, tomando-a de um ponto de vista prático. Logo daremos o quadro dos tempos primitivos e derivados. Depois, segundo êle, conjugaremos o verbo *pôr*, que é um vehbo irregular da 2.ª conjugação. E, ensinado o processo das derivações, discutiremos as vantagens do método de conjugar um verbo segundo o quadro dos tempos primitivos e derivados.

QUADRO DOS TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

TEMPOS PRIMITIVOS	TEMPOS DERIVADOS
I Presente do indicativo	1. Presente do subjuntivo 2. Presente do imperativo 3. Pretérito imperfeito do indicativo
II Pret. perf. do indicat.	1. Pret. m. q. perf. do indicat. 2. Futuro do subjuntivo 3. Pret. imperf. do subjuntivo
III Infinito impessoal	1. Futuro imperf. do indicativo 2. Futuro condicional do indicativo (condicional). 3. Infinitivo pessoal 4. Gerúndio (em *-ndo*) 5. Particípio passado 6. Particípio presente (em *-nte*)

OBSERVAÇÕES:

a) São tres os tempos primitvos e doze os derivados.

b) O *condicional* é um *tempo* do modo indicativo, já que não existe *modo* condicional. Ao tempo condicional chama Cláudio Brandão de "futuro imperfeito do pretérito". Sendo a denominação de — *futuro imperfeito do pretérito do indicativo* — muito longa (e de associação forçada), preferimos a expressão "futuro condicional do indicativo". Pràticamente se dirá *condicional*, ressalvado que não é um *modo*, porém sim, um *tempo*.

c) O *particípio presente* é hoje mero adjetivo ou substantivo, em português: *presente, estante, amante, pedinte, escaldante*. Entretanto, o professor Oiticica, em seu MANUAL DE ANÁLISE, o inclue entre os tempos derivados do infinitivo impessoal, com que, de fato, não perdeu a sua ligação temática, apesar de ter perdido, quase de todo, a sua fôrça verbal.

d) Não se confunda *particípio presente* com *gerúndio*. Caracteriza-os em latim: ao primeiro, a desinência *-nt-*; ao segundo, a desinência *-nd-*. Enquanto o francês herdou as formas do par-

ticípio presente — *aimant, tenant, partant* — recebeu do gerúndio o português — *amando, tendo, partindo*. Mas é verdade que o nosso gerúndio acumula, com o seu primeiro sentido, também o do particípio presente.

Conjuguemos o verbo pôr, que não é da quarta conjugação, mas tão só um verbo irregular da segunda, com a disposição dos tempos na ordem do quadro. O modo de numerar relembra que o tempo é primitivo ou derivado, de acôrdo com o referido quadro, onde os algarismos romanos se antepõem a uns e os arábicos, a outros.

CONJUGAÇÃO DO VERBO PÔR

I*Presente do indicativo*: *ponho, pões,* põe, pomos, *pondes, põem.*

(1) *Presente do subjuntivo*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.

(2) *Imperativo*: *põe,* ponha, ponhamos, *ponde,* ponham.

(3) *Pret. imperf. do indic.*: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.

II*Pretérito perfeito do indicativo*: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, *puseram.*

(1) *Pret. m. q. perf. do ind.*: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.

(2) *Futuro do subjuntivo*: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

(3) *Pret. imperf. do subj.*: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem.

III *Infinito impesoal*: pôr.

(1) *Futuro do indicativo*: porei, porás, porá, poremos, porei, porão.

(2) *Futuro condicional do indic.*: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

(3) *Infinitivo pessoal*: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.

(a4) *Gerúndio*: pondo.

(5) *Particípio passado*: pôsto.

(6) *Particípio presentes* (poente)

Vejamos o processo derivativo. Daremos explicação concreta, aproveitando-nos do verbo *pôr,* acima conjugado.

No presente do indicativo, que é o tempo primitivo, ficaram sublinhadas três formas. São as formas primitivas.

Da primeira delas — *ponho* — primeira pessoa do singular do presente do indicativo) nasce o *presente do subjuntivo*. Nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugação, muda-se o "o" em "a". Nos verbos da 1.ª êsse mesmo "o" cede lugar ao "e": *cante, cantes, cante,* etc..

Das segundas pessoas — *pões* e *pondes* — nasce o *imperativo,* mediante a eliminação do *s*.

NOTA — a) Com a vulgarização da 3.ª pessoa gramatical fazendo o papel de segunda, na conversa, a língua teve de criar mais formas para o imperativo. O recurso foi um empréstimo do subjuntivo, que também nos deu o *imperativo negativo*.

b) Já costumam trazer as gramáticas modernas o imperativo com tôdas as pessoas, exceto a primeira do singular.

c) O prof. Oiticica, *op. cit.*, admite e apresenta imperativo até para a primeira pessoa do singular.

d) E' de grande importância o ensino das formas de empréstimo, porquanto a terceira pessoa é que nos fornece o tratamento usual, reservados *tu* e *vós* para a literatura e expressões de circunstância, como sejam discursos.

O *pretérito imperfeito do indicativo* se formou, históricamente, com a característica temporal -va- metida entre o tema do presente e as desinências pessoais. Mas acontece que a evolução fonética a fez desmaiar ou até desaparecer. Entretanto ela se percebe na primeira conjugação: *cantava, cantavas,* etc..

No pretérito perfeito do indicativo temos, sublinhada, a terceira pessoa do plural — *puseram;* é a forma primitiva.

Dela se tira o (1) *preterito - mais que perfeito do indicativo*, eliminado o final — *m*: *pusera, puseras*, etc.

Dela se tira o (2) *futuro do subjuntivo*, eliminado o final — *am*: *puser, puseres*, etc..

Dela se tira o (3) *prét. imperf. do subj.*, substituindo-se o final — *ram pela característica — sse*: *pusesse, pusesses*, etc..

Dos tempos ligados ao infinitivo é simples deduzir a formação. Lembraremos que o *futuro imperfeito do indicativo* e o *futuro condicional do indicativo*, históricamente, são dois tempos compostos. São tempos de formação romântica. Não tinha o latim o nosso condicional e o seu futuro era outro. O futuro românico resultou de uma junção, invertida, do auxiliar *haver*, no presente do indicativo e o infinitivo do verbo principal. O condicional romântico resultou de uma junção do mesmo tipo, mas o verbo *haver* no pretérito imperfeito do indicativo.

Examinemos o futuro do verbo pôr, metendo um hífen entre as suas duas partes e escrevendo um *h* entre parênteses: *por-(h) ei, por-(h)-ás, por-(h) á; por-(h)emos, por-(h)eis, por-(h)ão*. Na segunda parte se descobrem as formas *hei, hás, ha, hemos, heis, hão*. A ausência do *h* em *por ei, por ás, por á*, etc. explica-se pela falta de disciplina gráfica do tempo. Compare-se *ei, ás, á*, etc. com o francês: j'*ai*, tu *as*, il *a*, onde o *h* ficou definitivamente abolido.

A mesma aglutinação poderá descobrir-se no condicional.

RECOMENDAMOS O QUADRO

O processo das derivações é de grande importância prática na conjugação dos verbos irregulares, onde os tempos ligados ao tema do pretérito ostentam o seu contraste claro com os outros.

Entretanto, nossas gramáticas, por uma velha rotina, desprezam tal contraste, apresentando a conjugação portuguesa na ordem dos modos e tempos, com os tempos subordinados aos modos, quando o que o nosso quadro estabelece é o *tempo derivado* subordinado ao *tempo primitivo*.

Toma, leitora amiga, da nossa mais divulgada gramática, a de Eduardo Carlos Pereira, em sua 49.ª edição, à pág. 121, e lá encontrarás os paradigmas de 4 conjugações, ordenados segundo os modos *indicativo, condicional, imperativo, subjuntivo* e *infinitivo*. Dentro de cada modo, os seus tempos.

Abre também o CURSO DE VERNÁCULO do professor Cláudio Brandão, à mesma página 121, e verás os paradigmas das tres conjugações portuguesas com a mesma ordenação. Entretanto, em dia com os ajustes da ciência gramatical, rompe o professor Cláudio Brandão com algumas rotinas, como se vê do êle só admitir *três* conjugações (sendo *pôr* um verbo irregular da 2.ª) e não admitir o modo condicional, reduzido a um simples tempo, a que chama de *futuro imperfeito do pretérito*.

Esta disposição tradicional da conjugação nos vem, parece, das antigas gramáticas latinas. E' a que se encontra no NOVO MÉTODO DE GRAMÁTICA LATINA do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, do século dezoito. Com certeza ela vem de Élio Donato, certo gramático do 4.º século, cuja *Arte* dominou a Idade média.

Na verdade, tem o verbo latino dois grandes temas — o do *presente* e o do *pretérito* — cujo contras-

te não podia deixar de ser explorado, na didática verbal desta língua. E' o que fazem modernas gramáticas, por exemplo, as de Votsch, Ragon, Georgin e Berthaut Legrand e, entre nós, Peter, Magne, Ravizza.

"La conjugaison du verbe latin repose tout entère sur l'opposition de deux thémes, celui du present (*infectum*) et celui du parfait (*perfectum*)", observa muito bem Ernou, em sua MORPHOLOGIE HISTORIQUE DU LATIN.

Lógico e didático será, portanto, que se aproveite o contraste dos dois temas no ensino da nossa conjugação portuguesa. Êle clareia, já o dissemos, a conjugação dos verbos irregulares.

Ouve-se, a cada passo, uma frase familiar como esta — "se você *ver* o João, dê-lhe o meu recado"; ou ainda — "quando você *vir* do cinema, nós conversaremos".

Está garantido contra dúvidas e cincadas quem saiba que o *futuro do subjuntivo* provém da 3.ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo. Se no verbo *ver* esta pessoa é *viram*, o nosso interlocutor diria, seguramente: "Se você *vir* o João, dê-lhe..." Ou ainda: "Quando você *vier* do cinema...", segundo a 3.ª do plural *vieram*, do verbo *vir*.

COM O QUADRO DOS TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS E COM A TÉCNICA DAS FORMAS RIZOTÔNICAS PODE RESOLVER-SE POR COMPLETO O PROBLEMA DA CONJUGAÇÃO PORTUGUESA.

A observância da ordem "tempos primitivos e derivados" permite vincar bem, nos verbos irregulares, a diferença entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal, com o que se irá acostumando o espírito à indiferença funcional dos dois tempos. Porque a identidade da forma, nos regulares, tem ensejado cochilos até de professores.

Está na *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet aquele conhecido trecho de Silva Túlio a respeito do infinitivo pessoal e impessoal. Ali apresenta êle um *futuro do subjuntivo* como *infinitivo pessoal*, na seguinte frase de Vieira: "Se do céu onde estais, *abaterdes* os olhos e os puserdes em Amarante..."

Também se encontra um *futuro do subjuntivo* apresentado como *infinitivo pessoal*, no NOVO MANUAL DE LINGUA PORTUGUESA, curso superior, da coleção F. T. D., edição Alves, na seguinte frase: "Eu te darei isso, quando *chegares*." (Lição 31.ª, pag. 360).

Por tudo, cremos que já é tempo de gramáticas e professores atenderem ao processo mais lógico e mais didático, que é o dos tempos primitivos e derivados.

NOTA — Consultas para esta redação.

ERA UMA VEZ...

A Revista encantadora que Vovô Felício criou para auxilio ao professor primário, apôio aos pais e delícia da criança brasileira.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

Ziene RIDERS

Se há um fator que reflita a época social de um povo, a sua grandeza e a sua decadência, êsse é a escola.

E nós, que levamos tôda a nossa vida em contacto com os problemas educacionais, que percorremos uma longa carreira, vendo a escola evoluir desde o ensino menorizado puro ao eminentemente ativo, temos a credencial de focalizar um aspecto da escola, que vem de ser esquecido, em face das circunstâncias presentes.

Êsse aspecto que vem ocupando o último lugar, quando deveria estar na vanguarda, é o desenvolvimento social das crianças.

E por que? E' porque o Estado voltando tôda a sua ação para o problema do rendimento escolar, apoiado nos "tests" de promoção, na percentagem de aprovação, classifica o estabelecimento, as classes e a professora, pelo rendimento intelectual de seus alunos, não levando em conta uma palavra, nem uma escala de medida, nem uma expressão de louvor ao desenvolvimento social das crianças.

E como nossa professorinha, recem diplomada pelas escolas normais, ingressa no grupo-escolar com a preocupação do rendimento intelectual, do conhecimento puro dêsse ou daquele ponto de geografia, história ou de língua-pátria, da rapidez dêsse conhecimento expresso em papel, do gráfico de notas de sua classe, comparado com o de outra classe do mesmo ano, de tipo mental idêntico, fica o desenvolvimento social da criança em última plana, uma vez que a professora quer fazer carreira, ser classificada pela diretora no seu boletim anual, como tipo elevado, quer é promover ao ano seguinte um número apreciável de alunos.

Estamos entre um dilema de difícil solução. Para objetivar o caso, vamos a um exemplo típico, tirado de uma casa de instrução de Minas.

"Aluna M. L., Q. I. 90, filha da servente do grupo, meio social 3, aprovada nos "tests" de língua-pátria e aritmética, mas obrigada a repetir o ano, por não haver alcançado o número de pontos exigidos nas outras matérias".

No entanto, M. L. ajuda a dirigir a horta de seu grupo, é auxiliar da cantina, sabe fazer uma sopa e um mingau, cuida dos vasos que ornamentam a escola, sabe plantar e colher hortaliças, faz doces para vender aos colegas no grupo, colaborando na economia de seu próprio lar.

Em casa, M. L. auxilia a mãe nos arranjos da casa, lava a roupa do irmãozinho, faz-lhe a alimentação dietética, colabora na possível organização do lar.

Na classe, M. L. é assídua, pontual e cumpridora de seus deveres. Está sempre pronta a tomar a frente dos novos encargos, sabe receber uma visita, oferecer-lhe uma cadeira, arranjar a sala nos dias festivos. M. L. colabora de fato em to-

dos os problemas da classe, anda sempre limpinha, penteada e com o uniforme branco rigorosamente alvejado pelas suas próprias mãos. Os colegas a estimam, a professora tem-na como auxiliar nos trabalhos extras e a prontidão de suas reações sempre alegres e francas, fazem-na popular em todo o grupo.

Apesar de todo êsse desenvolvimento social, de causar admiração a muitas mães, M. L. viu-se obrigada a repetir o ano, porque no papel, no "test" de promoção, não soube responder o número suficiente de matérias secundárias.

O desenvolvimento social influe muito na capacidade geral da criança, mas êsse aspecto, por *não ser avaliado, nem pesado, nem medido*, vem sendo descurado em nossos estabelecimentos primários, em face do valor atribuido somente à cultura intelectual das crianças, isto é, ao armazenamento de conhecimentos.

Precisamos reagir, nós que somos antes de tudo educadoras, contra êsse ponto de vista exageradamente intelectual.

Agora que se iniciam as atividades escolares nas escolas de Minas, tomemos bem vivo o objetivo da educação que toma a socialização do educando, como ponto culminante na formação do brasileiro.

Para isso, oferecemos às colegas das escolas de Minas o questionário seguinte:

1 — Minha classe possue o espírito de colaboração? Que atividades provam que êsse espírito de cooperação evoluiu?

2 — Minha classe visa elevar o nome do grupo ou escola perante a sociedade, cumprindo bem os seus deveres?

3 — Há alunos em minha classe que teem duas atitudes: comportam na escola bem e em casa, são verdadeiros traquinas ou vice-versa?

4 — Que tenho feito para descobrir a atitude falsa dêsses alunos e corrigí-los?

5 — Meus alunos sabem resolver seus problemas ou sou eu mesma que os resolvo?

6 — Dou à minha classe uma liberdade relativa e deixo-a pensar e dizer o que pensa, mesmo errando?

7 — Sei dar aos meus alunos uma capacidade para julgar e ser julgado, sem atritos?

8 — Nos jogos e torneios esportivos minha classe sabe ganhar e perder, sem ofender, nem formar atitudes contra os companheiros?

9 — Que atividades dei aos meus alunos para formar a capacidade de julgamento?

10 — Em minha classe, que alunos são mentirosos, dissimuladores, sonsos e hipócritas? Que fiz para corrigir êsses defeitos?

11 — Dei aos meus alunos o ideal de poder viver por si mesmos, executando seus trabalhos sózinhos?

12 — Meus alunos teem em casa, organizam e zelam seus objetos ou é a mãe que tudo faz para êles?

13 — Minha classe conhece as riquezas do seu município e sabe compará-las com a de outros meninos?

14 — Tenho procurado formar em meus alunos o desenvolvimento do espiritualismo e da conciencia cristãos?

COMO INICIAR PROVEITOSAMENTE O ENSINO DA ARITMÉTICA

Filocelida da Costa Matos ALMEIDA

Em nossos trabalhos de "Prática Profissional", temos observado que muitas crianças se mostram refratárias ao estudo da Aritmética, em si tão útil e atraente.

Refletindo sôbre o caso, pensamos haver encontrado a chave do enigma: Por um dos milagres da escola funcional, o ensino dessa disciplina, que era o espantalho de muitas professoras, tornou-se hoje um estudo recreativo, ao qual as crianças se entregam com prazer, às vezes, até por diletantismo e, não raro dele se valem como recurso para o êxito de seus empreendimentos infantís.

E' que a Aritmética, como ciência social, se encontra em todas as situações da vida e da qual não nos podemos prescindir.

Baseadas nas experiencias que temos colhido em longos anos de magistério, desejamos lembrar aquí alguns meios que se nos afiguram mais prontos e eficientes para chegarmos a resultados seguros, sem êsse trabalho esfalfante que se observava nas escolas formais. Façamos então um paralelo entre as atividades da escola *tradicional* e da *renovada*:

— O menino naquela escola, parecia progredir rapidamente, pois, logo no primeiro dia de aula, começava a contar *indefinidamente* (mero repetidor), pelo processo da *seriação abstrata*, sem ter a menor noção significativa das relações aritméticas, ou, se as tinha, em parte, o professor não procurava cientificar-se disso, para aproveitar aquelas experiências pre-escolares tão úteis nos momentos adequados.

Sabendo contar aereamente, isto é, sem ligar a expressão númerica às relações quantitativas, passava logo o nosso herói à *tradicional taboada de somar* que êle decorava mecanicamente, sem nenhuma associa-

---

15 — Minha classe sabe o valor da Caixa - Escolar, da Cantina, e colabora na sua eficiência?

16 — Nas festas escolares toma a parte que lhe é destinada?

17 — Tenho zelado pela formação do espírito de solidariedade humana e social em minha classe?

18 — Meus alunos teem confiança em suas possibilidades ou são tímidos e receiosos?

19 — Que tenho feito pelo patriotismo de minha classe e pela elevação da conciência da pátria?

20 — Tenho procurado elevar a tradição da família brasileira e dos feitos dos brasileiros ilustres?

Eis aí uma serie de questões que nossas professoras devem formular ao iniciar o ano letivo e procurar os meios e atividades para favorecer a formação da cidadania e de qualidades que colocam a criança como membro eficiente de sua comunidade escolar, ao em vez de só visar o desenvolvimento intelectual, a percentagem de apovação nos "tests" e a classificação do grupo.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

que o professor, regra geral, tem a frequência que merece.

Na acepção rigorosa do termo não há, cremos, o aluno incorrigível, para o qual se hajam esgotados todos os recursos retificadores da educação. Em muitos casos torna-se mister rastrear as causas do temperamento ou das atitudes incompreendidas.

A visita domiciliar do educador, por exemplo, indicar-se-ia como conjugação sinérgica de medidas da escola e do lar, de resultados muitas vezes imprevisíveis. E para o professor cônscio das suas responsabilidades nunca é impraticável a visitação, desde que possa resultar dela um combinado plano educativo de efeitos desejados. Evitar-se-iam, em muitos casos, os métodos dessemelhantes ou diversamente orientados.

Nos meios domésticos encontrar-se-iam circustâncias de vária ordem que atuam como fatores degenerativos. E, com tal regimen assistencial, deixariam de existir muitas incógnitas no comportamento e escolaridade do aluno cujo problema permanece sem solução.

E quantos, afastados pela incompreensão, não abandonaram a escola sentindo por toda a vida o sacrifício de tamanha perda e morreram sem realizar o potencial das suas qualidades e energias inaproveitadas? Para quantos a escola não teve apenas o efeito de alfabetizar sem formar-lhes o espírito pela ação educativa que faz, do aluno, indivíduo diligente, operoso e facilmente adaptável às normas usuais da vida?

Essas considerações, a que faltam, evidentemente, o fundo, a precisão e nitidez de um estudo completo e objetivo, não constituem novidades nos nossos círculos educacionais. Todavia, constituem um tema que não envelhece, mas vive, palpitante, no coração do educador.

BIBLIOGRAFIA

Alaíde Lisbôa de OLIVEIRA

EDUCAÇÃO E CULTURA - FRANCISCO CAMPOS - EDITORA JOSÉ OLÍMPIO

Temos escolhido, para comentar na nossa secção, livros cuja leitura possa ser de real proveito às professoras. A escolha de hoje confirma o nosso critério.

O sr. Francisco Campos reuniu em um livro, a que muito propriamente chamou "Educação e Cultura", discursos seus, conferências e justificativas das grandes reformas do ensino, de que foi êle a alma criadora, quer como Secretário da Educação em Minas, quer como ministro da Educação no País. Todos que acompanham a vida política do sr. Francisco Campos sabem que além de grande idealista é êle um empreendedor fora do comum. A nós nos interessa, mais de perto, o que tem feito no campo do ensino primário e normal em Minas.

Nem há dúvida que o espírito do ensino primário em Minas se transformou, tomou diretrizes completamente novas, ampliou-se, estendeu-se, elevou-se com a reforma chamada Francisco Campos.

Quantas idéias renovadoras foram pela primeira vez apresentadas e discutidas oficialmente em nosso Estado! Lembremos um pormenor — Nós, professoras, sempre soubemos que para a maioria de nossas crianças o curso primário era curso único, só privilegiados continuavam os estudos em ginásio ou outras escolas e, no entanto, o sr. Francisco Campos é que nos veiu lembrar que era preciso fazer de cada aluno, no fim do 4.º ano, um auto-didata. Note-se bem que todo um problema de educação se encerrava nesse objetivo de aparência tão singela.

Lendo as páginas de justificativa de reforma do ensino primario, apresentada ao ilustre presidente sr. Antônio Carlos, verificaremos que o sr. Francisco Campos lançava oficialmente idéias que hoje são correntes em realizações em Minas. Porque é preciso que se reconheça: a reforma tem dado bons frutos: frutos garantidos especialmente com a criação e manutenção da Escola de Aperfeiçoamento e a colaboração de outros brilhantes órgãos do ensino em nossa terra. Enfeixemos aqui, em citações, algumas idéias ventiladas pelo sr. Francisco Campos:

"... a escola aspira, efetivamente a ser, não uma estufa destinada à cultura artificial da inteligência infantil, mas um laboratório em que os problemas, utilidades e valores da vida ordinária sejam postos nos mesmos termos em que se traduzem na vida comum, apenas com mais clareza, ordem e concisão."

"... é indispensável que (a escola) procure cultivar, desenvolver e orientar na criança o instinto social, oferecendo-lhe oportunidade de exercer os sentimentos de responsabilidade e de cooperação. Para isto, porém, é necessario socializar a vida na escola.

"... infância incompleta, infância deformada, homem deformado. O primeiro princípio a ser considerado pelo professor nos seus processos de ensino é que a criança não deve ser considerada do ponto de vista do adulto."

"Uma noção não pode ser considerada como adquirida senão quando provoca uma resposta, a saber, uma reação mental em relação com a sua significação."

"A obra da escola deverá ser quanto aos anormais de caráter mais acentuadametne educativo do que em relação a crianças normais, pois trata-se no caso, de realizar simultaneamente com o ensino e a educação e pelo ensino e pela educação, uma verdadeira prática de ortopedia mental, destinada a corrigir, retificar e eliminar defeitos psíquicos, de ordem sensorial e intelectual, de maneira a aproximá-los, senão inteiramente, ao menos em parte, do plano moral, de que se acham mais ou menos acentuadamente desviados."

"... Para a classificação dos alunos nas classes destinadas a retardados, o Regulamento estabelece um duplo critério, psicológico e pedagógico, como seja o dos testes de inteligência e o de não promoção por três vezes consecutivas."

Repetimos: Veja-se bem que todos esses conceitos nos são hoje familiares.

Já tomaram corpo e já vêem constituindo o centro motriz das realizações no campo do ensino primário. Parece que foram êles palavra de ordem, e no entanto, quanto trabalho, quanto estudo, quantos anos para que essas idéias, consideradas avançadas então, se infiltrassem no nosso espírito um tanto pacato de professoras e renovassem as nossas mentalidades, imbuidas de antigos conceitos e preconceitos!

E' claro que a só reforma do ensino primário não poderia agir como vara de condão. O sr. Francisco Campos compreendeu que era necessário maior preparo do professorado formado e a formar-se, e assim prescreveu as modificações precisas na reforma do ensino normal e na criação da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico.

Passemos em revista a justificativa de reforma do ensino normal, reunamos algumas de suas idéias básicas e verificaremos que o sr. Francisco Campos procura resolver com clarividência sérios problemas:

"... Seria com efeito, inútil, senão frívolo por destituido de consequências e de efeitos, planejar um largo movimento de reforma no espírito, nos processos e na organização do ensino primário, sem estender e projetar o mesmo espírito de renovação e de readaptação ao domínio do ensino normal."

"... O ensino primário vale o que valerem os seus professores".

"... O problema está em que nos cursos votados à preparação dos professores haja uma integração perfeita das matérias de finalidade propedêutica e profissional".

O ensino normal passou a ser dividido em dois gráus (1.º e 2.º).

Infelizmente esta divisão não deu o resultado que era de esperar-se. Apesar de lógica e compreensível, a prática opôs-lhe certas dificuldades independentes da própria organização. Por motivos, talvez de ordem politica, o regulamento não pôde ser cumprido como fôra imaginado. O sr. Francisco Campos foi bem positivo na sua exposição: "Aos diplomados por esses cursos (1.º gráu)

confere o regulamento menos prerrogativas." Acontece, porém, que no fim de pouco tempo foram igualados os direitos de normalistas de 1.º e 2.º gráus. E, assim, as escolas de 2.ª gráu foram se fechando no interior e a da Capital diminuia de frequência.

Achamos uma certa exageração do A. nos comentários que tece em torno de teoria e prática. O A. endossa as palavras de Herbart: "A prática produz *apenas* a rotina; *só* a teoria nos ensina a consultar a natureza". Continuando a leitura, encontramos nas palavras do A. uma exaltação da teoria como medida de progresso e uma limitação do valor da prática. Nem há dúvida de que às vezes somos empolgados por uma idéia e só abusamos de palavras e argumentos para dar realce, para dar mais fôrça a essa mesma idéia, mas a razão verdadeira deve ser encontrada no conjunto da tése que defendemos e não em frases apenas. No conjunto encontramos a justa medida e vamos compreender a prática aliáda à teoria. E vemos como um círculo vicioso a prática em função da teoria e a teoria em função da prática.

Um ponto de grande alcance na reforma do ensino normal foi a criação da cadeira de psicologia educacional. Diz o sr. Francisco Campos.

"A menos que não queiramos entregar a sorte da alma infantil à inconciência, à cegueira, à ignorância destituida de gênio ou ao charlatanismo dos preconceitos populares, torna-se indispensável e imperioso aparelhar os futuros professores dos conhecimentos, os mais amplos e os mais claros, da natureza da criança, dos seus apetites, da sua imaginação, do imprevisto e da originalidade, em relação ao adulto, do seu comportamento intelectual e afetivo.

Outra medida do real valor da reforma foi a criação da cadeira de Historia da Civilização e da Educação. Ouçamos ainda as palavras do A.:

"A história da educação terá, ainda, a vantagem de incutir na inteligência dos professores a verdade, que nunca é demais repetir, de que sómente a educação tornou possível a civilização do homem, que dela depende o seu presente, como dependerá o seu futuro, que os povos que não cuidam da educação se acham, por isto mesmo, condenados a essas regressões históricas, de que não conservam a memoria porque é da natureza delas não deixarem testemunhos..."

Desejarimaos ainda no Curso de Aplicação a continuação do estudo do português, acrescido de maior contato com a literatura portuguesa e a brasileira. A posse da língua quanto mais segura mais facilita novas aquisições em qualquer ramo de cultura.

Interessou-nos muito, no presente livro, o discurso sobre valores espirituais; não nos podemos furtar ao prazer de citar algum trecho, e todos são cheios de beleza de expressão:

"... Neste momento nós fundamos o Brasil. O ato de fundação nacional é, com efeito, perpétuo e contínuo. Não é uma data, um episódio ou uma convenção, que se possa situar no espaço e limitar no tempo. Em um certo sentido, somos todos fundadores. Fundar é dedicar o pensamento, a vontade e o coração. E todas as instituições humanas sómente vivem porque se renova to-

dos os dias esse ato de dedicação e de fidelidade."

Mais adiante encontramos um vivo paralelo entre a liberdade da cátedra e ensino religioso; notem-se os conceitos emitidos.

Todo o livro do sr. Francisco Campos merece ser lido e meditado, principalmente pelos educadores. Chamamos a atenção dos leitores para o seu valor, como diremos? — linguístico. A linguagem do A. é realmente de 24 quilates. Que clareza, que força de expressão! As frases correm fluentes, cascateadas, o A. tem direito de usar e abusar dos períodos longos! Para que interromper com pontos, frases que se precipitam com tal exuberância da pena de um metre. Só lamentamos que o livro não tenha sido editado na ortografia siplificada. Somos de parecer que todos, principalmente os maiores intelectuais, contribuam para a unificação ortográfica.

Não nos compete discutir o valor real da ortografia, hoje oficialmente adotada; fica isto a cargo dos srs. Oiticica, Antenor Nascentes, e, para falar nos nossos, Claudio Brandão, J. Lourenço de Oliveira, Aires da M. Machado. Hoje que em todos os concursos se pede a ortografia simplificada, que se proíbem na escola livros impressos na antiga, um trabalho do valor deste que comentamos, um trabalho em excelente português, pode ter por isso mesmo, alguma força convincente, no sentido negativo, em relação à ortografia simplificada. O A. deu um mau exemplo...

Terminando essas notas fazemos uma observação.

Muitas vezes queremos penetrar nos bastidores da política e adivinhar as intenções dos homens públicos e depois de muita rebusca saimos dizendo das idéias mais ou menos liberais, mais ou menos totalitárias, etc., etc., desta ou daquela personalidade. Do sr. Francisco Capos, da mola motriz dos seus átos, não importa o que outros pensem ou digam. Nós professores, nós especialmente educadores de Minas, que acompanhamos mais de perto a sua atuação como Secretário de Estado, sabemos que êle nunca foi um centralizador de autoridade, nunca foi um reformador absorvente. A distribuição de trabalhos era feita de tal forma, que, dentro de seu setor, cada auxiliar tinha sua autoridade, sua personalidade intangida, sua capacidade de iniciativa e ação. Seus auxiliares eram realmente seus auxiliares — e os talentos podiam florescer como então floresceram. Nunca uma medida urgente que dependesse de burocracia mais lenta, era atrasada na sua execução, porque o responsável direto podia agir em tempo. Seja dito: O sr. Francisco Campos foi um grande Secretário da Educação em Minas. Sua inteligência irradiadora e renovadora deixa marcas indeléveis no nosso Estado.

VALOR DA ENCADERNAÇÃO NA ESCOLA PRIMÁRIA

Noemi Queiroz TEIXEIRA

A escola primária não é escola de aprendizes; não tem por finalidade formar obreiros. Isso exigiria, simultaneamente, um preparo especial dos mestres, oficinas bem aparelhadas e recursos econômicos para a sua manutenção.

Evidentemente, o ensino primário não pode ser dedicado a especialidades, impondo uma direção definitiva à vocação do aluno. Hoje se considera no trabalho manual principalmente o lado educativo: não se trata de dar um ofício, mas de fornecer ao aluno a maior soma de habilidades e de hábitos aproveitáveis, a aptidão para o trabalho e as condições de um trabalhador meticuloso, exato e conciente, aplicáveis em qualquer campo de atividade humana.

Há, entre os trabalhos manuais, um ramo que, nos graus mais adiantados, é um valioso auxílio para o desenvolvimento do senso estético, do espírito de ordem, sobriedade, asseio e exatidão. Refiro-me aos trabalhos de encadernação, etapa culminante do ensino da cartonagem, já desenvolvido através dos períodos inferiores do curso.

Em geral, há sempre uma tendência prática que prefere os trabalhos de valor comercial e de utilização imediata. Quando se concilia esta tendência com o valor educativo da atividade, é o que de melhor se pode desejar.

Assim é a encadernação, que nos leva a empregar materiais comuns, abundantes e de preço pouco elevado, e em que o produto tão aproveitável já constitue, por si, um estímulo para executá-lo.

Realmente, não é difícil avaliar-se a satisfação íntima do pequeno escolar que, após algumas horas de trabalho intenso leva nas mãos, parecendo novo, o seu livro predileto — ontem um amontoado de páginas sôltas, a capa descolada que se recusava a enfeixar como dantes a sequência desfeita de fatos tão cheios de interêsse...

E para alcançar tão bom êxito, pensemos na destreza que o nosso pequeno escolar vem adquirindo, através do manejo constante dos instrumentos necessários. Traçar, cortar, dobrar, costurar, recobrir, debruar, colar, frisar, são técnicas que êle, aos poucos, tem que dominar.

Quanta cautela, quanto cuidado em firmar bem a régua e talhar o papelão, de modo que o instrumento, obedecendo à mão que o dirige, não se desvie do traço, cujas proporções devem ser rigorosamente exatas! Quanto asseio e esmêro exigidos durante todas as fases da confecção, para que, finalizada a peça, não se notem excessos de cola, rugosidades ou manchas de dedos na superfície polida que agora nos encanta a vista!

Para se conseguir tudo isso, ainda é recomendável uma boa posição do corpo durante o trabalho, movimentos regulares, ritmados e de grande precisão.

A escolha da ornamentação da ca-

pa é mais uma oportunidade para que se vá apurando o senso estético do pequeno educando que, contrastando tons ou sobrepondo matizes, decide-se ao fim por uma combinação sóbria e artística.

Terminada a obra, é exposta à critica dos outros escolares, que aprendem a julgá-la, destacando-lhe os valores, ao mesmo tempo que se vai formando no seu íntimo uma atitude nova, que perdurará pela vida em fora: o amor aos livros e o carinho que êles merecem.

Como se vê, tal como as outras modalidades dos trabalhos manuais, a encadernação constitue excelente meio para o desenvolvimento das faculdades gerais da criança, instrumento êste que apresenta sobretudo um valor que, por si só, abonaria a atividade: satisfazer a tendência utilitária dos nossos jovens escolares.

Contribuição da Cadeira de Desenho e Trabalhos Manuais da Escola de Aperfeiçoamento.

Bibliografia consultada: Didática da Escola Nova — Aguayo. Trabalhos manuais escolares — Manuel Pena. Metodologia do Curso Primário — A. Carbonell e Migal.

Publicado novamente por ter saído com falhas. Pertence ao artigo: "O ENSINO DA ARITMÉTICA EM NOSSAS ESCOLAS" de d. Dulcie Kanitz Viana, publicado á pag. 16 do número 9.

1°. processo

2 ms. $\frac{3}{4}$ = 2 ms. 75

2 ms. 75 a 6$800 = 6$800 x 2 ms. 75 =
= 18$700

2°. processo

2 ms. $\frac{3}{4}$ x 6$800 = $\frac{11}{4}$ x 6$800 = $\frac{11 \times 6\$800}{4}$ = $\frac{74\$800}{4}$ =
= 18$700

3°. processo

$\frac{1}{4}$ de 6$800 = 1$700

$\frac{3}{4}$ de 6$800 = $\frac{6\$800 \times 3}{4}$ = 5$100

2 ms. a 6$800 = 6$800 x 2 ms. = 13$600

2 ms. $\frac{3}{4}$ a 6$800 = 13$600 x 5$100 = 18$700

4°. processo

$\frac{3}{4}$ = 0,ms. 75

100 ms. ou 1 m. custam 6$800

1 cm. custará $\frac{6\$800}{100}$ = $068

2 ms. ou 200 cms. a $068 o cm. = $068 x 200 cms. =
= 13$600

0,75 a $068 o cm. = $068 x 0,75 = 5$100

2 ms. $\frac{3}{4}$ a 6$800 o metro = 13$600 + 5$100 = 18$700

TARDE ROCEIRA

R. FLEURY

"Pote, póte,
quebrei um póte..."
Canta arisca a saracura,
foge a ran, salta um pinote
e mergulha
n'agua escura,
que borbulha
do brejal.
Tigum!

As toiças do tabual
farfalham à viração.
Os sapos-ferreiros malham
"Tem... tem... tem..."
Ao longe, no capoeirão,
malha a araponga também
"Tem... tem..."

Voam morcegos trissando
Vem a coruja chiando
n'um vôo fôfo e macio.
Lá, junto à beira do rio,
grazina um pato selvagem,
refletindo sua imagem
nas aguas que vão cantando.

Crícilam grilos nas moitas
e as cigarras afoitas,
zizinantes, a voar
frementes, nas verdes ramas,
brilham às últimas chamas
do sol rubro, a tramontar

Sombras descem misteriosas,
tudo envolvem no seu véu.
Vem a noite... Fulgurosas
piscam estrelas no céu.

Fazendeiros e Fazendeiras

A cooperação da família com seu chefe na luta por uma vida feliz e manutenção dos bens comuns, cada vez se torna mais preciosa e indispensável.

Não mais se permite que esposas e filhas se conservem indiferentes aos problemas profissionais e econômicos que foram, durante anos, de preocupação exclusiva do esposo e pai.

A vida exige, não raro, que os esforços de todos se conjuguem para a conquista do bem estar material e espiritual dos membros de uma família.

Se assim é em todos os campos da atividade humana, mais ainda nas atividades rurais onde a vida da família decorre no próprio centro de trabalho.

As fazendas, grandes ou pequenas que sejam, oferecem à mulher oportunidades várias de concorrer para maior vida e riqueza, cooperando com o chefe no melhor aproveitamento do meio.

Talvez obedecendo a êsse imperativo da vida e da sua própria consciência, muitas senhoras teem acompanhado seus maridos no estágio quelhes oferece a FAZENDA ESCOLA DO FLORESTAL.

Obedecendo a modelar organização, a ESCOLA DO FLORESTAL está aparelhada para receber e servir a qualquer senhora que melhor queira integrar-se na vida da fazenda.

Não só ministra ensinamentos básicos de orientação agro-pecuária, como oferece situações práticas para muitas pequenas atividades tais como:

Criação de coelhos — apiário — fabrico de queijos — horta — criação de galinhas, etc., etc..

Assim variada, a situação está apta a atender o gôsto e necessidade da visitante.

Uma estada na FAZENDA ESCOLA DO FLORESTAL será interessante para as nossas fazendeiras, tanto mais que um bem instalado hotel oferecer-lhes-á grande conforto e bem estar.

MESTRE!

Cônego Macário de ALMEIDA

MESTRE! Seis letras que encerram o mais santo e o mais sublime dos apostolados!

MESTRE! Letras que, soletradas, indicam uma cópia de benefícios, um mar imenso de graças... tesouro valiosíssimo!

MESTRE! E' o escultor que sabe, com proficiência, plasmar na criança do presente o homem do futuro!

MESTRE! Jardineiro zeloso, todo dedicação e todo carinho, cuida da semente de hoje, tão tenra, tão mimosa... amanhã é a planta que nasce... depois a árvore que dá sombra e deleita-nos com as suas flôres!

MESTRE! Teu apostolado é nobre e, mais nobre ainda o será, se, pela tua fé, buscares, lá no Calvário, os ensinamentos deixados pelo Mestre dos mestres, o dulcíssimo Jesus!

MESTRE! Êle, só Êle, iluminará a tua inteligência, dar-te-á a paciência e resignação para que possas ensinar às crianças que te forem confiadas o verdadeiro amôr a Deus e à Patria!

MESTRE! Tua missão é sublime! Tua missão é santa! Teu apostolado merecerá, na terra, a gratidão da Pátria e, no ceu, as bênçãos de Deus!

MANHÃ DE CHUVA

Murilo ARAUJO

Chove; chove e choveu a noite inteira.
A vidraça está cheia de pinguinhos;
a agua chora cantando na goteira...

Que dó dos passarinhos!

Quanto vento! Que frio! Chove tanto...
As roseiras estão que é só espinhos.
As florinhas deviam ter um manto...

Que pena dos raminhos!

E agora, quando a chuvarada arrasa,
passam meninos pobres nos caminhos.
E agasalha tão bem a nossa casa...

Façam entrar depressa os pobrezinhos!

O ENSINO DA GRAMÁTICA NAS CLASSES PRIMARIAS

L. S. MONTANDON

Com supresa para muitos professores e com alívio, também, para um grande número dêles, o ensino da gramática no curso primário foi desaparecendo aos poucos do programa .As aulas de linguagem resumiram-se em ditados, composições, leitura interpretada, dramatização, etc. etc..

Redimida estava a criança do suplício da gramática, das suas regras enfadonhas e incompreensíveis. Não mais — o velho rítmo dos verbos, conjugados em todos os tempos, modos e pessoas — "eu estudo, tú estudas, êle estuda..."

Não mais a invariável definição do substantivo, muitas vezes estropiada na bôca dos pobres pequenos: "Substantivo é a palavra que dá nome à *cera dos animados e inanimados...*" Como essa, outras definições grotescas iam sendo desfiadas sem que o mestre muitas vezes procurasse elucidar as definições e corrigir os erros. Daí, como um protesto a tais absurdos, a gramática foi sendo abolida e passou mesmo a ser considerada como uma carga inútil na aprendizagem da língua. Teriam razão os que assim pensaram e pensam ainda? A gramática é ou não necessária à aprendizagem da língua? Duas correntes se erguem debatendo o assunto. Uma nega à gramática a importância que lhe dão muitos mestres no ensino da linguagem; a outra considera-a imprescindível para que os alunos venham a falar e escrever mais corretamente. Com quem a razão?

O fato é que, com a gramática ou sem ela, o ensino da língua vem se fazendo de modo deficiente e não exageramos afirmando que a maioria dos nossos alunos deixa a escola primária sem as bases necessárias para seguir outros cursos e sem um certo desenvolvimento para o desempenho de misteres que exigem algum domínio da língua quer escrita, quer falada.

Se é verdade que o estudo da gramática com as suas complicadas definições e difícil nomenclatura pouco valor apresenta para o desenvolvimento da linguagem, não menos verdade é que a sua abolição por completo não deixa de ser prejudicial. A experiência assim o tem demonstrado. O êrro não está no ensino da gramática, mas nos processos rotineiros com que é feito. O fator de maior importância em qualquer ensinamento é o interêsse. Que interêsse pode haver para um pequerrucho em saber a definição do adjetivo ou do verbo? Que siggnificação tem para êle uma análise gramatical com toda a minúcia como é costume fazer-se em muitas das nossas escolas? O que se torna necessário é o conhecimento da função que a palavra tem na frase, do seu valor. do seu poder, dando à sentença maior clareza, maior encanto. Fazer a criança compreender o papel dos adjetivos, do verbo, das conjunções, procurando habituá-la ao seu emprêgo oportuno correto, através de exercícios adequados e interessansantes, eis como se pode ensinar a

gramática com eficiência. Sirvam-se os professores das lições de leitura, da correção dos trabalhos escritos, para motivar excelentes aulas de gramática. Muitas vezes, de uma simples observação surge em classe a oportunidade para uma boa aula. Lembro-me de certa vez, em que visitando uma classe de quarto ano, tive oportunidade de dar uma aula sobre o *a craseado*. O motivo surgiu do modo natural através da leitura de um trabalho escrito que tivera uma frase com duplo sentido por falta da crase no "a". Os alunos se interessaram pelo assunto e reclamaram outras frases em que pudessem assinalar o "a craseado". A lição se transformou num jôgo interes sante e por muitos dias prendeu a atenção de toda a classe. Regras práticas para a acentuação do "a" foram deduzidas pelas proprias crianças e registradas nos seus caderninhos de notas.

Sem muita regra e definições inúteis, podem os alunos do curso primário receber noções gramaticais que os auxiliem no manejo da língua.

A título de experiência, aquí vão algumas sugestões para o ensino da gramática, de modo suave e agradável.

Como ficou dito atrás, esse ensino deve se resumir em dar à criança conhecimento da função da palavra na frase, levando-a, algumas vezes, a concluir, a deduzir a regra.

Inicie o professor o seu trabalho pelo conhecimento da sentença. Mostre aos alunos, no quadro, palavras formando sentido, e outras soltas, sem nexo, afim de que êles observem a necessidade da presença de certos elementos de certa organização para que constituam um pensamento. Depois de habituados os alunos na análise e organização de sentenças, passará o professor a analisar com êles os elementos que a formam. Fa-los-á observarem que, numa frase, nem todas as palavras exprimem ou indicam alguma cousa. Umas nomeiam cousas, pessôas; outras exprimem ação; muitas modificam e alteram o significado das outras; algumas servem para unir os vocábulos entre si afim de que tenham sentido. Muitos exercicios e jogos serão dados para que as crianças saibam distinguir a função das diversas palavras, indicando com firmeza as que nomeiam as cousas (substantivo), as que indicam ação, movimento, (verbos). Uma vez conhecido o substantivo pelos alunos, vem a sua classificação. O substantivo não só nomeia os seres, mas ainda lhes indica o número e o gênero. Através de jogos e exercícios, os alunos ganham conhecimento do singular e do plural, do feminino e do masculino. Um ótimo jôgo que prende o interêsse da classe e desenvolve o poder de observação é o seguinte:

Dividida a classe em dois partidos, manda-se abrir o livro em determinada página, prèviamente escolhida pelo professor, de acôrdo com o seu objetivo. O jôgo consiste em descobrir e copiar tôdas as palavras que representam, por exemplo: muitas cousas ou então palavras que sejam do sexo feminino. Isso feito, os jogadores trocam os papeis, e à frente de cada palavra encontrada, escrevem a correspondente no singular ou no masculino, conforme o caso. Concluido o trabalho, verifica-se o resultado, ganhando o jôgo o partido que contar menos erros. Outra fase do jôgo que pode ser dada no dia seguinte, é o emprego em sentenças das palavras encontradas. Faz-se um concurso das mais boni-

tas e corretas, sorteando-se um prêmio entre os vencedores.

Continuando a análise dos substantivos, a professora chamará a atenção da classe para o fato de que muitos substantivos são semelhantes e comuns, enquanto que outros são próprios de certos seres. Alguns indicam cousas que existem realmente (concretos) e outros, cousas que só existem na nossa imaginação (abstratos). Outros exprimem as cousas em conjunto (coletivos), e outros são constituídos de duas palavras (compostos). Assim, à medida que o motivo surge, vai-se procedendo à análise do substantivo e ao estudo das suas relações com o verbo que o acompanha sempre, conforme indique um ou vários seres. Os alunos acabarão por concluir que o substantivo indica: a) Sêres. b) Número. c) Gênero. d) Coleção. e) Realidade. etc., etc..

Talvez não saibam definí-lo. Mas será necessário?

TEMAS PARA COMPOSIÇÕES

M. L.

E' sempre tarefa difícil a escolha de assuntos que, dados aos alunos, possam levá-los a escrever com interesse e gôsto. A própria vida social da escola de hoje oferece, sem dúvida, inúmeras oportunidades de redação, justificáveis por si mesmas dentro das atividades de uma comunidade escolar. Nesse caso o assunto não é escolhido, impõe-se.

Outras ocasiões existem, no entanto, em que é necessário ao professor escolher um tema que preencha muitos e variados requisitos; que seja oportuno, original, accessível, rico em sugestões, interessante.

Todas essas qualidades junto à imprescindível *motivação* (um concurso, a página de um album ou de um diário, uma apresentação em clube ou auditório) farão do assunto um estímulo à inteligência e ao gôsto literário do novel escritor.

Bem estudado o caso, portanto, não podemos dizer que tenhamos sempre facilidade em resolvê-lo.

As nossas considerações de hoje nos vieram a propósito de um interessante tema que vimos apresentado a alunas do curso de adaptação no Colégio São Domingos, de Araxá.

A professora Ernestina Pereira Santos deu às suas alunas o seguinte tema para uma composição: "O lapis vermelho".

O assunto despertou interêsse. Dentre os trabalhos realizados, destacou-se o que abaixo transcrevemos. Vai mesmo com algumas incorreções, mas mostrando bem o interêsse do assunto para a classe estudantil.

O trabalho é de autoria de Maria Ivone Corrêa, de 14 anos, menina que apresenta, não resta dúvida, visível pendor literário.

COMPOSIÇÃO

O' lapis vermelho!

Gosto muito da côr vermelha, pois tudo em que a encontro é cheio de alegria. O amanhecer! um vestido vermelho é tão alegre!

Mas no lapis que minha professora possue, não acho nada engraçado. E' um vermelho encarnado, e em meu caderno não encontro uma página sequer que êle não esteja no meio.

Rabisca as minhas composições que eu, cheia de alegria, julgava muito certinhas. Quando te vejo baixar sôbre meu caderno, oh! terrivel lapis permelho, sinto um arrepio correr-me no corpo. E porque será que ainda te estimo? é porque não deixas sobre meu caderno somente notas más, mas tambem aquelas que servem ao menos para enfeitar o caderninho. Agora, faço uma pergunta: — Porque será que todas as professoras preferem o lapis vermelho para correções? Será por ser o terror da maioria das alunas, ou pela sua côr? Não; é por ser mais forte a sua côr e por aparecer mais o lugar por onde passa.

Devastador de erros! quantas vezes não te vi pousar alguns minutos sobre meu caderno! Espero que doravante não farás como fizeste anteriormente. Mas primeiro devo lembrar, que sou eu mesma a causadora de tão grandes "estragos", sim, lapis vermelho?!...

Grande Concurso Permanente de "Educando" com a cooperação do Departamento Mineiro da Cia. Editora Nacional

A 15 do corrente EDUCANDO realizou, em sua séde, o primeiro sorteio de livros de seu concurso permanente.

Foram contemplados os seguintes assinantes:

Hilda Passos, diretora do Grupo Escolar "Henrique Diniz", da Capital; Luiz Gonçalves de Senna e Silva, diretor do Grupo Escolar "Osório Morais", de Coramandel; Rosa de Andrade, professora do Grupo Escolar "Tomás Barndão, da Capital.

O nosso cliché mostra a mesa que presidiu o sorteio: Marieta Leite, diretora da Revista; Leonilda Montandon, presidente da A. P. P. M. G.; Vicente Guimarães, diretor de "Era Uma Vez...", representando a Cia. Editora Nacional; prof. Maria Inácia Queiroz Miranda, representante dos assinantes do interior do Estado; profs. Celeida Chaves e Aulísia Mafra, representantes do professorado da Capital.

Para o sorteio desta edição são os seguintes os livros oferecidos pelo Departamento Mineiro da Cia. Editora Nacional, aos assinantes quites de EDUCANDO.

1.º prêmio

DIDÁTICA DA ESCOLA NOVA — Aguayo — Tradução de J. B. Damasco Pena — Volume 15 de "Atualidades pedagogicas" série 3.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira da Cia. Editora Nacional.

e

MEU FILHO, MEU FILHO! — de Howard Spring — Trad. de Ligia J. Smith e M. Lobato — Ed. da Cia. Editora Nacional.

2.º prêmio

SOCIOLOGIA APLICADA — Delgado de Carvalho, do Instituto de Educação do Rio — Volume 17 da série 3.ª da Biblioteca Pedagogica Brasileira da Cia. Editora Nacional.

e

A VIDA DE DISRAELI— de André Maurois — Tradução de Godofredo Rangel. Volume da "Biblioteca do Espírito Moderno" da Cia. Editora Nacional.

3.º prêmio

INTRODUÇÃO Á ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR — A. Carneiro Leão — Volume da 3.ª série da Bibliteca Pedagogica Brasileira da Cia. Editora Nacional.

e

MADAME CURIE — A biografia da descobridora do radium, por sua filha Eva Curie — Trad. de M. Lobato — Edição da Cia. Editora Nacional.

JORNAIS ESCOLARES

DA BAHIA

Recebemos com prazer alguns exemplares de "Nossa Vida" interessante jornalzinho da Escola Elementar "Getúlio Vargas" e orientado pelas professoras Elisabeth Chaves, Simone Bensabath e Rosa Pereira Ramos.

Pelas notícias de "Nossa Vida" percebem-se bem as atividades educativas e interessantes a que se entregam os pequeninos da Escola Getúlio Vargas e o espírito de colaboração, de iniciativa e de estudo que os anima.

Para exemplo, extraímos algumas dentre as muitas e variadas colaborações inseridas nos números de junho, julho, agosto, setembro e outubro.

Enviamos ao Estado amigo os nossos cumprimentos, ao jornalzinho "Nossa Vida" nossos votos de prosperidade, aos meninos redatores Benito Pinto Costa e Raimunda Macedo e às professoras Elisabeth, Simone e Rosa os nossos parabens muito sinceros pela ótima organização e interessante realização do jornalzinho.

UM CLUBE DE LEITURA

Marieta Chagas Pereira
5.o ano - Prof. Candida

No dia 27 de Agosto, recebemos em nossa classe, uma comissão de alunos de D. Adda Nascimento, professora desta Escola, que veiu nos convidar para assistirmos à 1.ª reunião do Clube de Leitura das alunas daquela classe. D. Càndida mandou duas alunas, representando o nosso 4.º ano e elas voltaram muito contentes com o que viram. Gostaram do jeitinho com que a menina Cremilda abriu a sessão e do entusiasmo da secretária do Clube, a aluna Edna, ao dizer algumas palavras. Houve poesia e a professora Adda, conselheira do Clube, encerrou a sessão que a todos agradou.

POSSE DOS REDATORES E REPÓRTERES DE "NOSSA VIDA"

Maria de Lourdes Bahia
5.º ano - Prof. Amélia

No dia 27, depois da Hora Civica, aproveitando a ocasião em que todos estavam juntos, D. Simone empossou os redatores e repóteres de nosso jornal "Nossa Vida". Tendo realizado uma prova no dia 25, para sêrem escolhidos o redator e o reporter chefe, foram Benito e Arnê os que fizeram melhores provas. Por isso foram escolhidos para aqueles cargos e os outros foram escolhidos cada um para uma secção, do seguinte modo: Elza Silva e Raimunda Tourinho para a seção de notícias; Solange Guimarães e Orlando Soares — anuncios; Lourdes Almeida e Jolice Oliva — sociais; Maude Veloso e Cremilda Silva — Curiosidades; Orlanda Ferraz e Nicia Tourinho — Trabalhos de aula; Marcia Tosca e Luiz Armando — esportes e jogos, e Carmen Cleide e Isabel Santiago — humorismo e charadas.

Esses alunos foram recebidos com grande satisfação por todos nós, porque queremos vêr o engrandecimento de nossa Escola.

A Escola "Getulio Vargas", no

Uma história para todos

Marieta LEITE

Capitulo II

OS SONHOS DO REI

Enquanto isto, no Egito, José trabalhava como escravo de um rico homem. Tudo que José fazia saía bem feito. Guiados por êle, os negócios do homem rico prosperavam cada vez mais.

Mas a mulher do homem, que era muito má, fez intrigas de José a seu marido. E disse tantas coisas que o homem ficou enfurecido e mandou José para a prisão. Deus teve pena de José e fez com que o carcereiro visse a sua bondade; e o carcereiro teve confiança nêle e mandou-lhe tomar conta dos outros presos.

Acontece que entram para a prisão dois homens que ficaram sob a guarda de José. Eram o padeiro e o copeiro do palácio do rei do Egito.

Um dia, José foi encontrá-los tristes e perguntou-lhes:

— Que tendes?

— Cada um de nós sonhou um sonho difícil que ninguem sabe explicar.

— Os sonhos são avisos de Deus, disse José. Contai-me os sonhos que tivestes.

Os homens contaram os sonhos e José interpretou cada um muito bem. Ao padeiro, êle anunciou a morte. Ao copeiro, a liberdade. E tudo aconteceu como êle tinha dito.

Quando, mais tarde, o copeiro ia a sair da prisão, José pediu-lhe:

— Dize ao rei, teu senhor, que me tire desta cadeia, pois eu nada fiz para estar assim preso.

Mas o copeiro esqueceu-se de José e nada disse ao rei.

Passaram-se dois anos. Um dia, o rei do Egito teve dois grandes sonhos. Logo que se levantou chamou o adivinho para explicá-los, mas êle não soube. Vieram todos os adivinhos e todos os sábios do país. Nin-

---

dia 13 de julho, inaugurou o "O quarto de hora do Departamento de Educação", na Radio Sociedade.

Foi uma boa ideia esta do Dr. Diretor do Departamento de Educação, de dar oportunidade às crianças de fe fazerem ouvir em todos os recantos do Brasil.

No dia marcado, as alunas das classes mais adiantadas, que vinham sendo treinadas pelo prof. Jatobá, por ordem do nosso Diretor, reuniram-se na Biblioteca, às 6 horas da tarde.

Ao chegarmos alí, encontramos algumas professoras e, depois de alguns minutos, chegou o prof. Gilberto; às 6,30 seguimos para a Radio Sociedade.

Logo após a nossa chegada iniciou-se o programa. O prof. Jatobá acompanhou-nos em "Avante, mocidade!" "Na Roça" e Saudação à Bandeira."

Cantamos com tanta alegria que certamente agradamos a todos.

Agora vamos ouvir, todos os sabados, outras escolas .

guém soube compreender os sonhos do rei.

Então o copeiro do palácio contou ao rei que na cadeia havia um jovem que compreendia todos o sonhos.

O rei mandou chamar o tal jovem.

Imediatamente mandaram que José se lavasse, se vestisse com roupas novas e fosse ao palácio do rei. José foi e o rei do Egito contou-lhe o seu sonho, assim:

— "Eu sonhei que estava de pé, à beira do rio. E eu vi subirem do rio 7 vacas formosas e gordas que foram pastar no prado...

e acordei. Logo depois continuei a dormir e sonhei de novo...

... eu sonhei que dum mesmo pé de trigo saiam 7 espigas cheias e boas. Depois, brotavam 7 espigas sêcas, miúdas e queimadas. E vi que as 7 espigas sêcas devoravam as 7 espigas boas. ..foi isto que sonhei.

Então José falou:

— Os vossos sonhos, ó rei, é um sonho só. Êle está anunciando para vós aquilo que Deus há de fazer. Prestai atenção:

"As 7 vacas formosas representam 7 anos; as 7 espigas formosas também representam 7 anos. Serão 7 anos de fartura e de riqueza. As 7 vacas magras e feias e as 7 espigas miúdas representam 7 anos também — serão 7 anos de fome e de miséria.

Este é o aviso de Deus, ó rei do Egito. Haverá 7 anos de fartura e, depois, a fome e a miséria tomarão conta do mundo durante outros 7 anos. Que vós, ó rei, durante os 7 anos de fartura, não vos esqueçais dos 7 anos de miséria que hão de vir depois.

O rei ficou satisfeito pelo aviso e disse:

— José, tú és sabio e bom. Tens a bênção de Deus. Por isso, eu te darei a terra do Egito para governares; governarás todo o meu povo.

Deu a José o anel que trazia no dedo, deu-lhe roupas novas e ricas e pôs um colar de ouro no seu pescoço.

E vieram os 7 anos de fartura para o mundo.

José guardava tudo o que podia guardar. Juntou tanto trigo como a areia do mar.

E vieram, depois, os 7 anos de miséria. O povo não tinha o que comer. Foi bater às portas do palácio.

— Que quereis? perguntou o rei.

— Trigo para fazer pão.

— E' José quem manda, disse o rei. Ide e pedí a José.

E o povo foi pedir a José, o homem mais poderoso do mundo, mais poderoso que o próprio rei.

José mandou abrir todos os armazens; e de toda parte o povo ia ao Egito para comprar trigo.

(Termina no próximo número)

●●●

ASSIM como a alma é a vida do corpo, assim também Deus é a vida da alma. Se o corpo sem alma é cadaver, na ordem natural, a alma sem Deus é cadaver na ordem sobrenatural.

D. ALEXANDRE GONÇALVES DO AMARAL
Bispo de Uberaba

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

O Castigo do Sapo

MARILÉO

Um dia reuniram-se todos os bichos para combinar um jeito de matar D. Cascavel. Estavam todos muito zangados e com razão. A terrível cobra não poupava nenhum bicho. Até o inocente carneirinho que pastava tranquilamente no prado tinha sido picado por ela, morrendo pouco depois. Era demais. Precisavam acabar com a perigosa inimiga.

Depois de muito discutirem resolveram pôr a prêmio a cabeça de D. Cascavel.

D. Raposa ofereceu-se para dar cabo da perversa cobra. Seu gesto foi muito aplaudido por todos os bichos e ela saiu cheia de coragem para tentar a arriscada aventura. Sem perder tempo tratou de conhecer os hábitos de D. Cascavel que morava em um grande cupim. Escondeu-se em uma touceira de bambú e ficou espiando os movimentos da terrível inimiga.

Já passava de meio dia quando viu D. Cascavel sair do cupim e dirigir-se para o rio. Aproveitando a ocasião, D. Raposa rastejou-se até a abertura do cupim e arriscou um olhar para dentro dele.

Lá estavam dormindo, bem enrodilhados, dois filhotinhos de D. Cascavel.

Rapidamente e sem fazer barulho, D. Raposa tapou a abertura do cupim e voltou ao seu esconderijo.

O sol não havia ainda se ocultado no horizonte quando D. Cascavel regressou ao ninho. Chegando perto do cupim viu a grande pedra que lhe fechava a entrada. Cega de furor procurou abrir uma passagem no cupim onde estavam enterrados seus queridos filhotes.

Os seus silvos agudos e o ruido de seu chocalho eram ouvidos a grande distância.

Vendo que nada conseguia, D. Cascavel parou abatida junto ao cupim. Quem teria ousado desafiá-la assim"? Mais calma poz-se a rastejar em volta do cupim procurando algum indício. Começou a sentir um cheiro forte que se desprendia da grama em redor. Adivinhou logo quem tinha feito aquela maldade. Aquele cheiro só podia ser da raposa. Mais que depressa D. Cascavel saiu no rasto dela.

Perto do rio encontrou-se com o sapo que foi tratando de fugir.

A cobra, porém, ao vê-lo, gritou-lhe:

— Anda cá, Sr. Sapo! Quero saber se viu D. Raposa passar por aquí?

— Não, não vi, dona Cascavel, gaguejou o sapo, verde de medo.

— Então anda comigo, Sr. Sapo, vamos pegar D. Raposa que matou meus lindos filhotinhos. Se o Senhor não me ajudar eu o mato também!

— Sim senhora, D. Cascavel, pode contar comigo.

Afim de enganar a raposa sobre suas intenções, a cobra começou a cantar:

"Ecô tatú!...
Ecô tatú ecô!..."

— Canta, Sr. Sapo!...

— Trunfá!... Trunfô!... respondia o pobre sapo na sua voz grave e desafinada.

Já haviam andado um bom pedaço quando o sapo avistou no barranco uma grande fenda.

Sem que a cobra visse, ele deu um pulo e sumiu pela abertura a dentro.

D. Cascavel não ouvindo mais a voz do Sapo olhou para trás. Percebendo que fôra traída, ficou amarela de raiva e começou a dar botes a torto e a direito na esperança de apanhar o traidor.

Tanto barulho fez que a raposa ouvindo seus silvos e o barulho do seu chocalho, tratou logo de fugir. Dona Cascavel quando viu que a raposa lhe escapava procurou vingar-se em qualquer bicho que encontrasse. Avistando um lagartixa no tronco de uma árvore deu um grande bote. Mas tão cega estava que errou o bote e foi espetar suas aguçadas presas no tronco da árvore. Foi tal a força com que se enterraram que D. Cascavel não poude mais soltar-se e alí mesmo morreu em convulsões terríveis. O sapo, que tudo presenciara, saiu do barranco e aproximou-se da cobra. Verificando que ela estava bem morta começou a gritar:

"Matei a dona Cascavel! O prêmio é meu! Trunfá!... Trunfô..."

Aos seus gritos acorreram todos os bichos. Vendo que D. Cascavel estava mesmo morta, pularam de contentamento.

O sapo contou-lhes, então, como havia matado a perigosa cobra.

Os bichos já se preparavam para carregá-lo em triunfo, quando a raposa chegou correndo. Ao saber que o sapo estava reclamando o prêmio pela morte de D. Cascavel, exclamou furiosa:

"Que grande patife!! Sou eu que mereço o prêmio, pois matei os filhotes dela e obriguei-a a perseguir-me. O Bem-te-vi contou-me como foi que ela morreu!"

Enquanto estava falando, o sapo foi escapulindo-se, pois sabia que a bicharada não lhe perdoaria a mentira. O tatú que não tirava os olhos dele gritou: "Pega o mentiroso!"

O pobre sapo foi agarrado e alí mesmo apanhou uma grande surra que o deixou marcado para toda vida. E' por isso que os seus descendentes teem os olhos esbugalhados, não andam como os outros animais e inspiram tanto horror a toda gente.

A vida humana é ascendente. E' uma perfeição do homem amar a capacidade de subir, que êle possue. E' uma perfeição tender a uma vida mais alta.

D. ALEXANDRE GONÇALVES DO AMARAL,
Bispo de Uberaba

CONVERSAS NO BONDE

Mestra CAROCHA

SÔBRE PROGRAMAS

— Olá !Há quanto tempo!

— Pois é. Cá estou de novo, a iniciar a faina.

— Felizarda! Pois eu já estou velha no trabalho. Invejo as suas prerrogativas.

— Mas não se iluda com elas. O reverso da medalha não é para você invejar.

— Será?

— E você mesma é a prova disso. Vejo-a animada, forte, graciosa, "chic"...

— Quem vê cara...

— Então não acertei?

— Hoje, não. Aqui onde me vê, estou sôbre brasas.

— Cansada? Doente?

— Estou doente de tanto pensar...

— Preocupada?

— Pior! Muito pior! Estou perplexa!!

— Mas por que? Sua classe é insubordinada?

— Ao contrário. Tenho uma ótima classe.

— A diretora não é sua amiga?

— Dou-me com ela às mil maravilhas!

— A técnica...

— Não vá por êsse caminho que não descobrirá mesmo. A verdade é que estou num dilema: ou tive algum ataque de amnesia durante as férias ou a Ciência caminhou a passos de gigante nestes últimos dois meses.

— Não me faça charadas. Explique-se logo.

— Pois é apenas isto: você sabe que eu ensinava o 2.º ano, não é?

— Sim.

— Agora passei com minha classe para o terceiro.

— Muito bem.

— Tratei logo de fazer um plano geral de trabalho... rever a matéria...

— Muito bem!

— O "muito bem" póde parar aí.

— Na matéria?

— Sim. Isto é, na materia do programa.

— Mas por que?

— Simplesmente porque não a entendo.

— A matéria?

— Sim senhora. *Não entendo a matéria do programa do terceiro ano primário.*

— Mas é muito engraçado!

— Não acho graça nenhuma. Você já viu os programas do 3.º ano?

— Por alto.

— Pois vale a pena ver. Aposto que você não sabe nada do que está lá.

— Sim? Mandaram ensinar grego, filosofia ou esperanto?

— Nada, minha cara; apenas isto: geografia.

— Geografia...

— Sim.

— E você não sabe?!

— Não. Nem você tão pouco. Quer fazer uma prova? Tenho aquí na pasta o programa de geografia do 3.º ano. Vou mostrar a você. Veja.

— "*Isto*" é programa?

— Pelo menos é um pedaço.

— Pedaço de programa não é programa.

— Mas tem que ser, pois não consegui o programa inteiro.

— Pois vejamos o seu *pedaço*.

— E' horrivel. Pede cousas absurdas, incríveis e, ao meu ver, tolas.

— Tolas?

— Sim. Imagine que as crianças teem que saber o que comem todos os brasileiros de todos os Estados. Se comem carne, peixe, frutas ou se vivem de angú e feijão...

— Mas para que?

— Não sei. O programa *manda* que se ensine isso.

— Sem mais explicações?

— Sem mais explicações. E o do 4.º ano é pior. Pede o que comem os homens do mundo inteiro: os italianos, os ingleses, os alemães...

— Isso agora é fácil. A alimentação por lá está muito reduzida.

— Você faz pilhéria porque não tem que dar conta dêste programa. Olhe aquí, por exemplo: *Estudo das formas. Influência das formas na vida do homem*".

— *Estudo das formas*... Que é isto?

— Não entendo.

— Nem eu, nem a diretora, nem as colegas, nem a técnica... ninguem.

— De fato... Mas eu já lí um programa de geografia e não me lembro dêste pedacinho... "*Estudo das formas*..." "Formas" em geografia?

— Pois aí está. Eu tinha vontade mas era de encontrar a criatura que escreveu tal idiotice!

— Você tem razão, mas...

— Não venha com *mas*, nem queira defender os outros. Você é técnica, tem que ser solidária, já se vê.

— Não quero defender ninguem. Estou apenas procurando auxiliá-la. Onde você encontrou este pedaço de programa?

— Ora... Onde havia de ser? Copiei-o de uma colega!

— De quem?

— Da Maria Amélia.

— E Maria Amelia... onde o arranjou?

— Copiou-o da Nenen Vieira.

— E a Nenen?

— Não sei. Mas ouvi dizer que foi um vizinha, professora também, que lh'o emprestou...

— E a vizinha...

— Copiou-o de outra colega. é claro. Não vamos agora brincar de história cumulativa.

— Não somos nós que estamos brincando. Os fatos é que brincaram com você...

— Comigo?

— Pense bem. *Estudo das formas*... em geografia Você não acha que isto pode ser um êrro de cópia?

— Êrro de cópia? De quem?

— Sei lá! Da Maria Amélia, da Nenen, da vizinha, da outra que copiou da "outra"...

— E onde está o êrro?

— Vejamos. Eu não lhe disse que já tinha lido êste programa?

— Disse.

— Pois preste atenção. Se em vez de: "*Estudo das formas — Influência das formas na vida do homem*"., estivesse: "Estudo das *zonas* — Influência das *zonas* na vida do homem"...

— Ah! Isto seria outra coisa!

— Pois é isto que *deve estar* escrito no programa verdadeiro...

— Acha?

— Tenho quase certeza...

— Quase... Se agora a gente tem

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Dr. Hilton Rocha
Livre-Docente de Clin. Oftalmológica das Facs. de Medicina das Univs. do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas
Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

Consultas Diárias das 3 ás 6 - Edificio Cine Brasil - Salas 608 a 614 - Telefone, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO
Ginecologia-Obstetrícia
RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

DR. SILVINO PACHECO
MÉDICO
DOENÇAS DAS SENHORAS — OPERAÇÕES
Afonso Pena, 952 — 3.º andar — Salas 326 a 330 — Fone 2-5682

LABORATÓRIO VÉRITAS
Química e Microscopia Clinica
Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
* * *
Rua Rio de Janeiro, 634 — Junto á Praça 7 — Tel. 2-3333
Caixa Postal, 199 — Belo Horizonte
Concede abatimento especial ás associadas da Ass. dos Prof. Primários de Minas Gerais

que *adivinhar* o que *deve estar* estar escrito no programa verdadeiro.

— Você tem razão, minha cara. Tem toda a razão. Mas não desanime, por favor. Quero vê-la sempre com o seu belo sorriso, com a sua graça e...

— ... com a minha displicência?

— Não finja. Sob a máscara de displicente você tem um grande, um bonito entusiasmo!

Já os risos claros dos garotos do Grupo chegavam até nós. E quando o bonde parou, ela desceu ligeira, contente de ter resolvido um problema. Mas só lá do portão, quando o bonde ia partir de novo, foi que ela gritou, a mão abanando no ar:

— Obrigada! Muito obrigada!

O desenho a serviço da Educação

Mme. Artus PERRELET

(Tradução)

Noções sôbre ponto e linha

O PONTO — O mestre, agrupando as crianças junto ao quadro negro, toma uma dentre elas para conduzir a experiência. Pede-lhe que feche os olhos e diz:

"Paulo, ponha seu dedo sobre o quadro negro e retire-o. Abra os olhos. Você vê o lugar onde o colocou?"

— "Não, ninguem o vê".

— "Está bem, feche os olhos novamente. Ponha seu dedo outra vez no quadro negro. Abra os olhos. Ve você, agora o lugar onde o pôs?"

Da segunda vez o mestre, ante os alunos curiosos, esfrega um pouco de giz no dedo de Paulo de modo a deixar uma pequena mancha branca sobre o quadro.

— "Desta vez nós vemos onde se pousou o dedo de nosso companheiro: foi aí".

— "Agora voltem aos seus lugares. Apoiem a ponta de seus lápis sobre o papel e levantem-na.

Que vêem, vocês?"

— "Um pequeno sinal preto no lugar onde pusemos nosso lapis".

— "Este sinal, o menor que se pode fazer em desenho, chama-se ponto. Ele serve para indicar um lugar. Sôbre o quadro negro como sôbre o papel ele diz:

— "E' aquí". "Assim, cada vez que eu perguntar a vocês onde apoiaram seu lapis, vocês poderão responder me mostrando o ponto: — "Foi aquí".

A LINHA — SUA CREAÇÃO

O mestre conta a história do "Pequeno Polegar" aplicando as noções adquiridas na lição anterior sobre a utilidade do ponto. Êle mostra que o pequenino personagem sabia que não se encontra mais um lugar que não se tenha marcado e, assim êle teve a idéia de deixar cair ao longo de seu caminho muitos pontos sob a forma de pedrinhas brancas. E, por isso, foi que ele poude dizer vendo todos esses pontos: "Foi por aquí que eu passei". Ele não se perdeu e chegou em casa de seus pais.

— "E agora, meus meninos, nós vamos brincar de *Pequeno Polegar*. Nós faremos todos parte da familia do pobre lenhador. Uns atrás dos outros, por ordem de tamanho, partimos para a floresta."

O mestre organiza as crianças em fila indiana.

. . . . . .

Ao ultimo da fila dá as pedrinhas ou tentos (1) com os quais ele marcará sua passagem sôbre o assoalho como o *Pequeno Polegar* que ele representa.

O mestre à frente conduz a coluna para a floresta. Fazem numerosas voltas e durante todo o caminho o engenhoso homenzinho tranquiliza seus irmãosinhos em voz baixa: "Não tenham medo, eu estou marcando o lugar por onde passo."

Chegados ao bosque os meninos abandonados fazem meia volta e seguem, desta vez, o *Pequeno Polegar* que encontra em uma longa linha todas as suas pedrinhas e, assim, voltam à casa paterna.

---

(1) *bagos de milho.*

Enfim, passando à interpretação da mesma história pelo desenho, os pequenos representam no quadro negro as pedrinhas do Pequeno Polegar sob a forma de uma sucessão de pontos que vão da casa à floresta.

— "Mas é muito demorado, meus meninos, fazer todos esses pontos uns aos lados dos outros. Vou mostrar a vocês como se pode representá-los em desenho quando se tem pressa e quando não se tem tempo de por e tirar o giz para contá-los todos. Marca-se o primeiro ponto e, de um só traço, passa-se rapidamente sobre todos os outros e para-se sobre o ultimo. Em desenho chama-se isso: traçar uma linha em uma direção.

LINHAS MÃES — RETA E CURVA

"Aprendemos a fazer duas especies de linhas, ambas construidas do mesmo modo com pontos. Apezar de serem bem diferentes, uma da outra, é possivel confundí-las. (O mestre desenha no quadro negro, nomeando-as. Eis a reta e aqui está a curva. Mostrem-me todos por um movimento como é a linha reta e como é a curva.

Vocês vêem que elas são bem simples. E vocês teem visto também quanta cousa há no mundo: as montanhas, as arvores, as cidades, os animais, as nuvens. Pois bem, com duas linhas sobente vocês podem representar tudo que se vê no mundo e, também, muitas cousas que não se vêem. E para que se lembre terem elas tão grande importância é que são chamadas *linhas mães*. Não se pode desenhar sem se servir de linhas mães.

Agora, olhem no quadro negro êste ponto que representa uma casa, a casa de Paulo. Para ir à escola êle segue um caminho direto (o mestre traça uma reta que termina em um segundo ponto: a escola). Mas um dia, voltando da escola, Paulo vê no caminho um grande cão que lhe causa muito medo. Que vai ele fazer para evitá-lo se quer chegar em casa?

— "Ele dará uma volta como o Pequeno Polegar quando ele encontrava qualquer obstáculo."

— Muito bem, aqui está a volta que Paulo fez (O mestre descreve uma curva da escola à casa). Mas porque vocês pensam que Paulo não passa sempre por este caminho?"

— "Porque é mais comprido".

Os meninos acabam por compreender que a linha reta é o caminho mais curto de um ponto a outro; e para verificar esta verdade pode-se medir com um cordel, sucessivamente a linha curva e a linha reta que ela ultrapassa.

A criança, procedendo por experiência, descobriu a linha; ela a conhece sob seus dois aspectos e aprendeu a traçar a reta e a curva que limitam todas as formas do universo.

Esse trecho que extraímos do interessante livro "Le dessin", de Mme. Artus Terrelet, demonstra o valor e a necessidade de se consagrar mais tempo às bases e preliminares de qualquer ensinamento, afim de que certas noções se firmem profundamente na mente da criança favorecendo conhecimentos futuros. Quando se trata de deitar as bases de qualquer ensino, deve-se multiplicar os meios de assimilação, confiando a todos os sentidos juntos o papel de fornecer ao cérebro o maior número de dados possíveis sôbre a noção que êle vai receber.

Que é indispensável a eficiência da leitura?

TRANSCRITO DO LIVRO:

"Como se ensina a leitura",

de PENNELL e M. CUSACK

Desejar e amar a leitura. As necessidades várias que exigem o emprego da leitura, e expostas no capítulo anterior, constituem os fatores mais importantes da eficiência da mesma. Tais necessidades reclamam tão imperiosamente o uso da leitura, que o indivíduo começa por sentir o desejo de ler e acaba no amor dominante da leitura. Quando nos impele o desejo de ler, maior prazer experimentamos na leitura, maior cópia de material lemos e maior desembaraço e facilidade adquirimos em ler. A necessidade e o desejo de ler fixam a atenção, levando os pensamentos dispersos a concentrar-se expontaneamente, em tôrno do assunto, sem que se torne precisa a intervenção da vontade para atraí-los, e todas as fôrças mentais a colaborar harmonicamente na obtenção do resultado almejado.

Não só se deve desejar e amar a leitura, senão tambem ser capaz de apreender o pensamento contido nos símbolos escritos.

Suponhamos que os empregados de uma fábrica começam a dar mostras de descontentamento e agitação. Que faz o industrial? Procura saber como agiram, para solucionar o caso, outros indivíduos que passaram por situações semelhantes. Com este fim, lê itens que tratem do problema. Porém, para que lhe seja proveitosa tal leitura, deverá ser capaz de compreender a situação e as soluções apresentadas pelo autor. Terá de estar apto a julgar qual, dentre as soluções encontradas, se prestam ao fim visado, e, ainda mais, saber selecioná-las, organizá-las e adaptá-las ao seu próprio problema. Isto só conseguirá, se estiver apto a apanhar o sentido do que leu.

O bom leitor, pois, sôbre ser capaz de apreender idéia, sentimentos ou fatos, deve estar apto a julgar da valía dessas idéias, sentimentos e fatos relativamente ao objetivo ou objetivo determinantes da leitura. Isto exige grande finura de julgamento, aliás, igualmente indispensável à seleção e organização dos fatos.

Ter domínio da mecânica da leitura. A capacidade de ler resulta da capacidade de evocar o sentido veículado pelos símbolos, pois estes nada mais são que meros veículos de idéias. E tão pronta deve ser tal evocação, que se efetue quási inconcientemente. Para isto, é forçoso que se domine o mecanismo da leitura, com tal presteza e automatismo, que a atenção, sendo solicitada pelo proferimento da palavra, se volte inteiramente para o seu conteúdo e que se possúa a capacidade de conservar em mente os pensamentos já apreendidos, conduzindo-os e modificando-os de sentença em sentença, de parágrafo em parágrafo, de capítulo em capítulo, de volume em volume.

Ter a capacidade de ler rapidamente. Em qualquer campo de atividade, o trabalhador mais eficiente é aquele que executa bem sua tarefa,

no mais curto espaço de tempo. Na que estiver apto, não sómente a ler com inteligencia, como com velocidade. Esta, porém, depende do assunto, do fim para o qual se lê e da capacidade individual.

Ter capacidade de usar eficientemente os instrumentos de leitura. Para executar qualquer especie de trabalho é indispensavel o emprego de instrumentos apropriados. Um bom operário precisa possuir bons instrumentos que conheça bem e saiba manejar com pericia. Ora, os bons livros, as revistas e jornais são instrumentos do leitor. Déle deve poder utilizar dextramente, sabendo a que livro, revista ou jornal recorrer para obter a informação desejada e sabendo ir diretamente, tão depressa quanto possivel, à parte dos mesmos em que haja probabilidade de ser encontrada. Para isto, necessita ter a pratica do uso das diversas partes que constituem os livros, as revistas, os jornais, os dicionários, catálogos, fichários e enciclopédias, como sejam indices, abreviaturas, notações, divisões do texto, graficos, sinopses, sumários, bibliografias, etc..

Ter capacidade de ler bem, silenciosamente. E' a leitura silenciosa o tipo de leitura mais largamente usado na vida. Nem se poderá considerar bom leitor quem não possua a capacidade de apreender exata e rapidamente o pensamento do autor, pela leitura silenciosa. A boa leitura silenciosa está condicionada a varios fatores: desejo de ler, capacidade de evocação do sentido ou sentidos que possam ter as palavras, capacidade de ler rapidamente e de usar com eficiencia dos instrumentos de leitura.

Ter capacidade de ler bem, oralmente. Não nos basta estar aptos a efetuar leitura silenciosa eficiente. Muitas vezes, não podemos interpretar com justeza e apreciar certos trechos de leitura, senão lendo-os em voz alta; além de que o prazer de ler belas descrições, dialogos interessante passagens comoventes, poesias, etc. eleva-se com ser partilhaido. A expressão dada ás palavras facilita, algumas vezes, a interpretação do pensamento. O bom leitor deve também ter o dominio desse eio de interpretação e expressão, que é a leitura oral. A boa leitura oral resulta priordialmente, dos mesmos fatores que determinam a boa leitura silenciosa e ainda de uma enunciação clara, pronúncia correta e controle absoluto da voz.

●●●

A santidade não consiste em fazer ordinariamente cousas extraordinárias, está antes em realixar extraordinariamente até as cousas mais ordinárias, mais comuns.

D. ALEXANDRE GONÇALVES DO AMARÁL
Bispo de Uberaba

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita dèpósitos nas seguintes contas:

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —

GRAPHICA QUEIROZ BREYNER LTDA.
AVENIDA AFONSO PENA, 351 BELO HORIZONTE

ção de idéias e começava então a somar.

Convém notar que, quanto maiores as parcelas, tanto melhor; e vinham logo, por exemplo: 947.824 + 196.740 + 65.389 + 7.988, etc..

O menino, sem nenhum interêsse começava o trabalho *imposto* e quando esquecia o resultado das combinações, valia-se da contagem nos dedos, adquirindo um hábito pernicioso ao evoluir do raciocinio... mas, de qualquer maneira, a operação se efetuava e, quando *certa*, teria a nota *dez* (fosse qual fosse o processo empregado), merecendo *zero*, no caso contrario.

— Que prodígio! Em tão pouco tempo, já o aluno sabia contar mais de *cem, tinha de cor a taboada de* somar, fazia *somas colossais* (Deus sabe como) e passava então a decorar a *taboada de subtrair* que êle estudava independentemente da soma e pelo mesmo processo mecânico, exhaustivo e falho que esgotava o sistema nervoso, creando no aluno a idiosincrasia pela Aritmética — vitima inocente nessa catástrofe pedagógica.

Mas, que importa isso, se o menino está adiantado, somando, subtraindo? dirão os patridários desta escola, os quais bem se poderiam intitular — *inimigos da criança*.

Puro engano !A criança, longe de *aprender*, exercitado-se em um sistema de reações condicionadas, agradáveis e producentes, limitava-se apenas ao papel de máquina, reunindo mentalmente, se não lhe falha a memória, ou contando nos dedos, os algarismos de cada coluna, sem poder avaliar a extensão do problema, sem calcular o resultado provável etc., visto como a situação não lhe sendo familiar, não a interessa nem está ao alcance de sua compreensão.

— Vejamos agora o que faria um professor cujo ensino fosse vasado nos moldes da escola funcional:

— Longe de querer sobrecarregar a memória do aluno com um sem número de conhecimentos vagos, visaria êle o objetivo geral do ensino da Aritmética, isto é, procurando crear nesse aluno bons hábitos, principalmente mentais e sociais, preparado-o, em situações práticas, para vencer na vida, pois, a Aritmética com ser eficaz meio educativo e ótimo exercício intelectual, habituando o espirito à logica do raciocínio, é poderoso fator da evolução social, porque os números e as relações aritméticas estão sempre presentes em todas as situações da vida.

Além desse objetivo geral teria o professor o seu objetivo específico, isto é, treinar os alunos na observação, na analise e na reflexão, para a resolução conciente, precisa e rápida dos problemas reais na esfera da criança, dando-lhes muitas oportunidades de manejar situações numéricas, onde sentissem a necessidade do trabalho e nele vissem uma finalidade imediata.

Tais situações aparecem a cada passo: nas organizações da classe, em que devam cooperar os alunos; na distribuição e coleta do material; no cômputo dos alunos presentes e faltosos; na organização de jogos, de auditórios, de excursões, etc.; na globalização das diversas matérias de ensino, enfim, o professor hábil de tudo poderia tirar partido para a aprendizado da Aritmética, pois esta se associa, naturalmetne a todas as outras matérias do curriculo escolar e seu estudo se faz sempre com vantagem, não só nas aulas de Aritmética, própriamente ditas, mas auxiliando também o ensino das outras disciplinas.

Os alunos "bonzinhos" e os incorrigíveis

Raul de Almeida COSTA

E' repetir conceito vulgaríssimo dizer-se que a disciplina dos alunos constitue questão importante para o trabalho do educador, na escola, tan to quanto para as derivantes da educação.

Não o é tanto, porém, lembrar-se que a influência transformadora da escola não visa tão sómente aos alunos considerados irrequietos, rebeldes e inadaptáveis, mas também aos anormalmente bem comportados, apáticos, não raro apontados como exemplos a seguir. Ao educador vigilante não passa despercebido o problema pedagógico sugerido pelo aspecto psicológico dêsses "bonzinhos" que se deixam ficar nas classes ou nos cantos do pátio à hora do recreio, fugindo, sistematicamnte, aos folguedos e à movimentação do recreio. Não há dúvida de que essas crianças, sempre muito tímidas, desconfiadas e tristes, irredutíveis no seu mutismo habitual podem reagir sôbre si mesmas e modificar-se, maxime em consequência do convívio natural ou da socialização conforme os métodos tão empregados em nossas escolas.

A's vezes, porém, são autômatos incorrigíveis, tão dificilmente adaptáveis à sociedade como os rebelados e inintimidáveis, mas, não raro, débeis de vontade que, mais tarde, rolam, na vida, ao sabor de influências alheias, constituindo, então, peso morto da sociedade.

Algumas vezes esses tipos de alunos são casos que se enquadram na clínica psiquiátrica e exigem tratamento médico-pedagógico especializado, serviço que já não é estranho ao aparelhamento escolar do Estado.

O que se deve evitar em todo o caso é considerar o aluno extra alcance dos recursos renormalizadodes da educação, depois de uma análise empírica ou de experimentação mais ou menos apressada.

Entretanto é preciso pensar-se, também, na influência que êsses pequeninos deficitários, os perversos, por exemplo, podem exercer sôbre os colegas débeis mentais, presas fáceis das más sugestões.

Nunca decidir-se, sem profundo exame dos casos, pela segregação do aluno da classe ou pela sua exclusão da escola.

Nem recorrer-se ao principio de autoridade para efeito de intimidação ou de vexame.

E não vai, nisso, nenhuma razão de ordem sentimental.

E' que, com base nos próprios métodos dos treinadores de animais — sem querer aventurar-nos a uma analogia — os meios brandos alcançam sempre melhores resultados. Como é de observação corrente, a criança reage, por todos os modos contra as medidas coercitivas. Entretanto não tem meios de resistir à força coquistadora da simpatia do educador hábil e persuasivo.

Tal orientação disciplinar constitue, mesmo, influência atrativa da escola, de onde o velho conceito de